



FOLHA DOMINICAL

Domingo X do Tempo Comum

Primeira Leitura (Gn 3, 9-15)

Depois de Adão ter comido da árvore, o Senhor Deus chamou-o e disse-lhe: «Onde estás?». Ele respondeu: «Ouvi o rumor dos vossos passos no jardim e, como estava nu, tive medo e escondi-me». Disse Deus: «Quem te deu a conhecer que estavas nu? Terias tu comido dessa árvore, da qual te proibira comer?». Adão respondeu: «A mulher que me destes por companheira deu-me do fruto da árvore e eu comi». O Senhor Deus perguntou à mulher: «Que fizeste?». E a mulher respondeu: «A serpente enganou-me e eu comi». Disse então o Senhor Deus à serpente: «Por teres feito semelhante coisa, maldita sejas entre todos os animais domésticos e todos os animais selvagens. Hás de rastejar e comer do pó da terra todos os dias da tua vida. Estabelecerei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a descendência dela. Esta há de atingir-te na cabeça e tu a atingirás no calcanhar».

A primeira leitura aborda uma parte da história da queda de Adão e Eva (Gn 3,1-24). A sua composição segue o molde dos mitos orientais da época, mas é muito mais sóbria em detalhes e possui uma maior finalidade instrutiva. A voz de Deus a chamar Adão representa um convite para se apresentar diante Dele após a tentativa de se esconder. A pergunta que lhe dirige provoca uma cadeia de indiferença em que ninguém assume responsabilidades. Simboliza-se assim como o pecado altera radicalmente a comunhão entre os seres humanos. A serpente, encarnação do mal, apareceu no relato de modo inexplicável, atuando num mundo criado por Deus. A sua relação com os seres humanos situa-se num horizonte sem esperança, onde se pressagia um combate interminável entre «linhagens». A maldição que Deus pronuncia sobre ela apresenta este facto como algo irreparável e nefasto. O relato aponta assim com mais intensidade para a vida pós-paradisiaca do que para coisas remotas e passadas. Absorve Deus e a sua criação dos sofrimentos impostos sobre o mundo e tenta dar resposta à pergunta sobre o modo como emergiu da criação o caos e a vida problemática que nos rodeia. O paraíso perdeu-se de modo irrevogável e o ser humano está destinado a uma luta interminável contra as forças do mal. O texto bíblico abre também um futuro à esperança: a cabeça da serpente será esmagada. Os padres da Igreja interpretaram esta promessa como uma prefiguração da figura e da vitória de Cristo.

Segunda Leitura (2 Cor 4, 13 – 5, 1)

Irmãos: Diz a Escritura: «Acreditei; por isso falei». Com este mesmo espírito de fé, também nós acreditamos, e por isso falamos, sabendo que Aquele que ressuscitou o Senhor Jesus também nos há de ressuscitar com Jesus e nos levará convosco para junto d'Ele. Tudo isto é por vossa causa, para que uma graça mais abundante multiplique as ações de graças de um maior número de cristãos para glória de Deus. Por isso, não desanimamos. Ainda que em nós o homem exterior se vá arruinando, o homem interior vai-se renovando de dia para dia. Porque a ligeira aflição dum momento prepara-nos, para além de toda e qualquer medida, um peso eterno de glória. Não olhamos para as coisas visíveis, olhamos para as invisíveis: as coisas visíveis são passageiras, ao passo que as invisíveis são eternas. Bem sabemos que, se esta tenda, que é a nossa morada terrestre, for desfeita, recebemos nos Céus uma habitação eterna, que é obra de Deus e não é feita pela mão dos homens.

A segunda leitura é precedida por uma secção da carta onde Paulo reconhece a grandeza do seu ministério e afirma que se trata de um tesouro depositado em vasos de barro. Por sua vez, descreve uma existência pessoal cheia de tribulações que interpreta como participação no mistério pascal de Cristo (4,7-12). Esta perspectiva leva-o a fortalecer a sua fé e a sua confiança, tal como fica expresso no início da leitura. Unido a isto está a certeza de que, apesar das dificuldades que o acompanham, continuará a anunciar o Evangelho. A citação do salmo: «Acreditei, por isso falei», dá razão à sua vida no presente e daquilo que sustenta a esperança no futuro, uma esperança baseada na ressurreição de Cristo. Juntamente com isso, Paulo reconhece, por sua vez, que tudo faz pelo bem dos coríntios. Retoma finalmente o paradoxo da morte e da vida, sublinhando o desgaste do homem exterior e a renovação do interior como duas realidades simultâneas que se dão no presente. Contrapõe, por sua vez, as realidades visíveis, caducas, com as invisíveis e eternas. O último versículo insiste nisso, falando, neste caso, da existência terrena e celeste como «moradas»: à destruição da primeira seguirá a construção da segunda. A existência sofrida do apóstolo é vivida assim como uma experiência de morte, mas a destruição progressiva da sua carne é reconhecida por ele como o lugar onde Deus suscita a vida.

Evangelho (Mc 3, 20-35)

Naquele tempo, Jesus chegou a casa com os seus discípulos. E de novo ocorreu tanta gente, que eles nem sequer podiam comer. Ao saberem disto, os parentes de Jesus puseram-se a caminho para O deter, pois diziam: «Está fora de Si». Os escribas que tinham descido de Jerusalém diziam: «Está possesso de Belzebu», e ainda: «É pelo chefe dos demónios que Ele expulsa os demónios». Mas Jesus chamou-os e começou a falar-lhes em parábolas: «Como pode Satanás expulsar

Satanás? Se um reino estiver dividido contra si mesmo, tal reino não pode aguentar-se. E se uma casa estiver dividida contra si mesma, essa casa não pode durar. Portanto, se Satanás se levanta contra si mesmo e se divide, não pode subsistir: está perdido. Ninguém pode entrar em casa de um homem forte e roubar-lhe os bens, sem primeiro o amarrar: só então poderá saquear a casa. Em verdade vos digo: Tudo será perdoado aos filhos dos homens: os pecados e blasfêmias que tiverem proferido; mas quem blasfemar contra o Espírito Santo nunca terá perdão: será réu de pecado para sempre». Referia-Se aos que diziam: «Está possesso dum espírito impuro». Entretanto, chegaram sua Mãe e seus irmãos, que, ficando fora, O mandaram chamar. A multidão estava sentada em volta d'Ele, quando Lhe disseram: «Tua Mãe e teus irmãos estão lá fora à tua procura». Mas Jesus respondeu-lhes: «Quem é minha Mãe e meus irmãos?». E, olhando para aqueles que estavam à sua volta, disse: «Eis minha Mãe e meus irmãos. Quem fizer a vontade de Deus esse é meu irmão, minha irmã e minha Mãe».

A composição literária desta passagem segue um esquema concêntrico. Começa e termina com duas cenas ligadas entre si e relacionadas com a ruptura de Jesus com a sua própria família (3,20-21.31-35). O episódio central (3,22-30) apresenta a controvérsia com os escribas de Jerusalém, que questionam a origem do seu poder para realizar exorcismos. O evangelista coloca assim em paralelo a luta que Jesus mantém com os seus oponentes e com os seus inimigos mais íntimos. Ambos os grupos praticamente o acusam do mesmo. A família, como depositária de uma honra que precisava ser preservada e que estava ameaçada, tinha a obrigação de levar consigo a Jesus ao considerar que ele estava fora de si. Por outro lado, os escribas acusam-no de agir em nome de Belzebu, o que o levaria a ser considerado blasfemo. Frente a eles, Jesus reage com um duplo argumento: se assim o fizesse, estaria a dividir o próprio reino de Belzebu; por outro lado, iria contra ele. A «blasfémia contra o Espírito Santo» é o argumento que mantêm para não querer reconhecer que Jesus age em nome de Deus. Desta forma, os acusadores tornam-se acusados. Frente aos seus parentes que, embora estejam ao seu lado, encontram-se fora do seu círculo messiânico, Jesus reage proclamando a origem de uma nova família à volta d'Ele, cujo critério de pertença não é a carne nem o sangue, mas cumprir a vontade de Deus. As primeiras comunidades cristãs viram-se refletidas nesta passagem, pois os seus membros consideravam-se entre si «irmãos» e tinham descoberto na mensagem de Jesus uma nova maneira de viver a fraternidade.

Deus nas letras humanas

Comunhão

Falo do sacramento do silêncio

Da muda eucaristia

Da vida,

Quando no mundo não havia ainda

Palavras

E ninguém profanava

A terra que pisava.

Miguel Torga

Avisos Paroquiais | 9 a 16 de junho

09 | X Domingo do tempo comum

Profissão de fé | 11:00

Primeira comunhão | 16:00

12 | Recolção com a catequese | 21:30

13 | Reunião com o conselho Económico | 21:30

14 | Concerto com a **Banda de Música da Força Aérea**. Parte da bilheteira reverte a favor da obra social da paróquia de Espinho. Bilhetes à venda na secretaria paroquial.

Caminhada da fé para os jovens. Começa às 21:00 em Oliveira de Azeméis.

16 | XI Domingo do tempo comum

Profissão de fé às 11:00

Um **Sunset para a Guiné** | Casa dos Laceiras | 17h . Todo o dinheiro angariado reverte a favor da nossa missão na Guiné.

23 | Dia paroquial do doente| 16:00

25 | Carregamento do contentor |21:30